



1966
Dezembro

ANO IX

N.º 41

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
 Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA



ARAUTO

Redacção e Administração: Horta Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores: Carlos Frayão e Guilherme Pinto Redactor Desportivo: Tomás Manuel Administrador: Herberto P. Faria e José A. Rosa



AOS SEUS ASSINANTES,
 LEITORES E COLABORADORES,

o «ARAUTO»

TRANSMITE OS MELHORES
 VOTOS DE BOAS FESTAS,
 A TODOS DESEJANDO
 UM FELIZ 1966.

A GRANDE AMIGA

É outra das tais noites em que eu volto a sentir «aquilo». Pressinto, ou melhor, tenho a certeza, de que *ela*, como tantas outras vezes, não tardará a chegar.

Invade-me de novo aquela já tão conhecida mas sempre misteriosa e inefável sensação de expectativa; uma expectativa se não dolorosa, pelo menos toda repleta da inquietação que sempre nos toma na iminência dos grandes acontecimentos...

E' que *ela* vem aí, a minha grande amiga! ..

Posso senti-lo na atmosfera toldada de fumo do meu quarto, na solidão esmagadora e impenetrável que me rodeia, no feio negrume da noite que os vidros embaciados da janela dei-

xam adivinhar, até mesmo na canção fria e triste da chuva tombando sobre o telhado, de mistura com o enervante e compassado ruído da água a pingar dos beirais

(Conclui na 3.ª página)

Delegado Distrital da M. P.

A fim de tomar parte numa reunião de delegados da M. P. deslocou-se a Lisboa no passado mês de Outubro o sr. dr. Manuel Alexandre Madruga, digno reitor do nosso Liceu e ilustre delegado da M. P. neste distrito.

OS ANTEPASSADOS DO HOMEM

Muito se tem pensado e muito se tem dito acerca deste assunto e no entanto não se pode pretender tratar de tão importante matéria de ânimo leve. Por mais ideias que se criem e estudos que se efectuem, dificilmente se tem chegado a conclusões, conclusões essas que por si sós não podemos considerar infalíveis.

Olhos brilhantes, em ingénua contemplação de um mundo de maravilhas que jamais poderá ser seu, uma criança está parada junto aos vidros duma montra.

Sabe Deus, que estará ela pedindo ao Menino Jesus nessa altura! Que sonhos e ilusões albergará essa cabecinha, emoldurada por cabelos louros e caídos! Pede tanto, quanto aquele menino que de dentro dum rico automóvel olha os mesmos brinquedos, a mesma montra. A diferença está no acordar do sonho.

Um, ao amanhecer do dia de Natal correrá para

Instrutor da M. P.

Está desempenhando o cargo de instrutor do Centro N.º 1 da M. P. o sr. Luis Fernando Gonçalves da Rosa, ex-graduado que exerceu já a função de comandante do mesmo Centro.

NATAL

uma árvore profusamente iluminada e decorada e encontrará aquilo que sonhou, aquilo que pediu ao Menino Jesus!

(Conclui na 2.ª página)

Comissão Regional de Turismo da Horta

Dentro das realizações locais promovidas a bem da terra, merece, sem dúvida, especial referência a acção da Comissão Regional de Turismo da Horta.

Assim, várias têm sido as suas iniciativas no sentido duma eficiente propaganda distrital, iniciativas essas que, aliás, já vão sendo regularmente recompensadas pela visita de inúmeros forasteiros, não só atraídos pelas nossas indiscutíveis belezas paisagísticas mas também interessadas num completo estudo das actividades e modo de vida do povo açoriano.

É exactamente por isso que nos apraz registar outra dessas realizações da C. R. T. H.: a impressão de modelos próprios para correspondência inter-escolar, valorizados com as fotografias de diversos aspectos paisagísticos das ilhas do distrito.

Agradecendo à Comissão de Turismo a amável oferta de exemplares de tais impressos, «O Arauto» lembra a todos os alunos a grande conveniência e interesse da correspondência inter-escolar.

Professores

Encontram-se a lecionar pela primeira vez no nosso liceu os seguintes professores: sr. dr. Ivo de Matos, professor efectivo; sr.ª D. Adalzinda Matos; sr.ª D. Maria Antonieta R. Correia; sr. dr. Ribeiro Correia; sr. António Ferreira Duarte; e sr. Gaspar Neves.

O «Arauto» cumprimenta.

(Conclusão da 1.ª página)

O outro, ao levantar-se duma cama coberta com velhos cobertores, nada encontrará, embora tenha pedido ao Menino Jesus os mesmos brinquedos. A sua preocupação será, agora, procurar algo com que matar a fome, visto que não come desde o dia anterior, à tarde. O seu Natal será um dia como tantos outros? Será melhor? Não! É pior! Essa criança que deveria encontrar no Natal a época mais bela do ano, só depara com tristeza, com tormento. Embora não compreenda bem o porquê das coisas, sente pena de não ter como aquele seu companheiro de escola um carrinho que ao dar-lhe corda anda como um carro dos senhores grandes. Chora por não ter um jantar festivo, com tantas guloseimas de que ele deveria gostar, por não ter um lar! É exactamente por isso que ele chora: por não ter um lar! Não tem amor, nem de pai, nem de mãe, e é essa a chama que faz do Natal uma luz tão brilhante: o amor.

Natal! Não é só essa criança que fazes sofrer! Quantas lágrimas não chorou já esta pobre mulher, para ter o rosto tão sulcado, tão rudemente envelhecido, num instante? Ela também gostaria de manter ao filhito a ingénua ilusão do Menino Jesus. Mas todo o dinheiro que conseguira ganhar fora para remédios, para o marido amado que há anos se encontrava doente, naquela cama de casal! Só sabia dizer à criancinha «Talvez o Menino Jesus não passe aqui, meu amor, como a paizinho está com febre, para não incomodar». E a criancinha acredita; só não pode compreender o motivo das lágrimas da mãe. E ainda bem que não compreende, ainda bem que é criança!

Quem fosse também dessa idade e pudesse acreditar! Não ver o sofrimento que se estampa num rosto de homem, quando tem que estender a mão para aceitar uma esmola de Na-

tal. Não sentir o amargo das lágrimas, a correr no rosto, e ouvir gargalhadas e vozes alegres na casa ao lado!

Quem pudesse acreditar uma vez mais no Menino Jesus e pedir... pedir muita compreensão para o mundo. Pedir, não uma boneca de vestidos cor de rosa, mas sim amor, felicidade, tudo aquilo que se sonha numa noite de Natal. Pedir, não um carrinho de corda, mas sinceridade, amizade... e nada mais.

Mas a vida é assim! Tem de haver sal para se apreciar a doçura. E talvez até aqueles que têm uma mesa cheia de cristais e doçarias, que têm uma árvore cheia de fios prateados, tenham a alma vazia de amor e de carinho!

Foi para esses que sentem falta de algo, que escrevi! Talvez se encontrem menos sós, menos infelizes, sabendo que alguém pensa neles, que alguém sofre com o sofrimento! Para essa criancinha que já não contempla os vidros da montra, porque o frio e a chuva de lá a afastaram, para essa mulher de rosto envelhecido pela dor, para esse homem que sofre de ser pobre, mas que por ter orgulho, lhe custa aceitar uma esmola, e até mesmo para os que têm o quarto quente, pelo aquecedor eléctrico, mas a alma fria pela falta de ternura.

Para todos aqueles que encontram no Natal um motivo de lágrimas, um motivo de dor, esta caneta rolou durante algum tempo.

No entanto, eu, ao escrever isto pergunto: «Porquê, Senhor, tu sendo infinitamente bom e Pai extremoso destas criaturas as deixas sofrer? Se um coração humano se entristece com as suas misérias, porquê, meu Deus, o teu divino coração não sente misericórdia?»

Oh! meu Deus! Eu, uma simples mortal a querer

(Conclusão da 1.ª página)

ainda, descenderá daquela espécie animal que conhecemos com o nome vulgar de macaco. Se levarmos em conta que este último sofreu com certeza modificações em relação às suas espécies remotas, poderemos unicamente admitir que, homem e macaco provirão de um antepassado comum, de modo que não podemos considerar um macaco idêntico ao actual como originário, e o homem como descendente, visto o primeiro não existir no passado. Será, portanto, mais admissível considerar um antepassado comum para todos os vertebrados, que deu origem a três classes de descendentes dos quais, uns se foram adaptando à vida terrestre (animais terrestres), outros se foram modificando de forma a ter uma vida aérea (animais aéreos ou voadores) e outros ainda, uma vida aquática (animais marinhos). Note-se que não se lhes poderia dar designação de mamíferos, aves ou peixes, visto os seus caracteres não estarem suficientemente diferenciados de modo a justificarem uma tal sistematização, e isto porque os animais terrestres tinham muitíssimos caracteres idênticos aos animais voadores e aos marinhos. Tanto uns como os outros tinham dentes, possuíam peças ósseas correspondentes aos membros anteriores e posteriores, com modificações pouco acentuadas. Mesmo hoje, tanto nos mamíferos,

compreender e rebelar-me contra os teus designios! Eu, a fazer perguntas, sabendo nunca obter resposta!

Mas tu bem sabes, Senhor, quantos com lágrimas a brotarem dos olhos, te já não fizeram as mesmas perguntas.

No ar, porém, fica sempre a pairar um «Porquê?»

Natal! Natal! alegria para uns, tormento para outros.

Maria Luisa da Costa

como nas aves, como nos peixes, apesar das grandes adaptações que sofreram, existe uma semelhança e uma correspondência das peças ósseas que nos não deixam margem para dúvidas quanto à sua origem comum. Aliás, que melhores exemplos temos de semi-adaptação morfológica ao meio, do que aquela que nos apresentam certos mamíferos aquáticos, (como o cachalote) e aéreos (como o morcego), que mostram ainda vestígio de membros, com ossos dos dedos, são vivíparos, e alguns têm dentes? São mamíferos terrestres que se adaptaram à vida aquática e ao voo, mas cuja adaptação foi muito menos pronunciada do que vulgarmente acontece; foi uma adaptação foi muito menos retardada que pode servir como exemplo do estado em que se encontrariam todos os vertebrados no passado, antes duma adaptação completa ao meio.

Assim, dessas três espécies de vertebrados, terrestres, voadores e aquáticos, por modificações com fim à adaptação aos meios ambientes respectivos, formaram-se respectivamente os mamíferos, as aves e os peixes. No ramo dos primeiros, existiu um que foi possivelmente o antepassado comum do homem e do macaco. É, esta provavelmente a origem do primeiro, sequência de um ramo da árvore genealógica desse ser que simultaneamente deu origem ao segundo.

É isto que se poderá deduzir, demais com muita possibilidade de erro. Para trás, na bruma do tempo, as marcas são poucas e as conclusões receosas. Restamos esperar que mais tarde se possa vir a saber algo de novo que, em modifique por completo as ideias já existentes ou nos traga novos conhecimentos para complemento dos que já possuímos.

Marques Policarpo

(Conclusão da 1.ª página)

Tudo me grita que ela virá... e que, irremediavelmente, me levará consigo, para mais uma vez me arrastar a um outro mundo melhor, a um outro mundo sempre desconhecido, sempre desejado, sempre tão abundante e variado em novas e aliciantes emoções...

Aliás, são estas as noites que ela sempre gosta de escolher para me visitar. Noites de intempérie, noites de solidão, noites gélidas e escuras, em que mesmo o mais frio e duro coração humano sente a imperiosa necessidade de se abrir ao calor de outro coração, em que o homem mais solitário e insensível se deixa penetrar, pela primeira vez, de sentimentos que nunca até aí conseguira compreender...

E é por isso que tanto desejo a sua companhia: os meus anseios, os meus malogros, as minhas aspirações mais utópicas, tudo lhe confio e em tudo ela me conforta e anima. Com os fantásticos poderes de que é dotada consegue mesmo preencher essas frequentes lacunas duma vida, tornando em realidade consoladora, embora fugidia, aquilo que eu já considerava impossível...

Vou até à janela e tento prescitar alguma coisa debaixo das formas pesadas e escuras que se abatem sobre a rua. Distingo apenas a luz amarela e doentia dos candeeiros e os seus fracos reflexos na calçada molhada, tudo parecendo tornar ainda maior o negrume duma noite feia e invernal.

Quantas vezes, em noites semelhantes, isto já não aconteceu! E sempre da mesma maneira: faz-se anunciar e eu pressinto que ela virá, mas nunca sei quando chega; só depois, no fim, me dou conta do tempo, muitas vezes longo, que durou a sua visita.

Volto para dentro e sento-me. Involuntariamente a vista cai-me sobre a gravu-

ra duma caravela portuguesa do tempo das descobertas, arrostando com um mar tempestuoso, no meio de ondas alterosas e frangeadas de espuma branca que o vento revolve em torvelinhos.

As bandeiras estão rotas, de tanto açoitadas pelas impiedosas ventanias. A tripulação reveza-se, num vai-vém contínuo, nas diversas tarefas que o balançar do barco torna mais difíceis. Sinto-me como se fizesse parte dessa marinhagem, obedecendo às ordens e apitos que o contra-mestre lança da ponte de comando, correndo sobre o convés molhado e escorregadio para executar as mesmas ordens. Na proa, um companheiro, elevando a voz acima dos ruidos da tormenta, grita-me qualquer coisa. Das barbas cerradas e negras a água goteja-lhe em grossos pingos sobre o longo capote azul que enverga. Diz-me que a tempestade está amainando e que estamos próximos de terra, embora se não consiga ainda distinguir o característico som de ressaca contra as fragas abruptas da costa alcantilada. Com efeito, depois de mais algumas horas de luta, embora o mar se mantenha ainda turvo e agitado, embora em volta de nós continuem densas as

trevas, o vento cessa já de entoar a sua triste canção de notas agudas e sibilantes nos cordames retesados dos mastros e o taboado do convés não é mais lambido por montanhas líquidas de fúria destruidora...

Com o nascer da aurora tudo muda: as águas refletem o clarão sanguinolento que na linha do horizonte, a pouco e pouco, vai crescendo; começa a soprar um vento de feição, suave mas constante, que dispersa em inúmeros farraços o manto pesado e cinzento das nuvens. Há nesgas de céu azul a espelhar-se nas águas dum oceano já calmo e cheio de luz.

Ao som de uma sineta, a tripulação, que até aí jazera imóvel, extenuada de fadiga, contra a amurada, num justificado descanso para os membros entorpecidos pelas mil e uma canseiras da noite, principia a mover-se por todo o barco, ocupando os diversos postos, iniciando as variadas fainas. Gemem as roldanas quando braços nus e musculosos, cadenciadamente, puxam as cordas para subir o velame que a fúria do vento obrigara a arrear...

Com as velas prenhes, a nau sulca rapidamente as ondas em direcção a uma

fita azulada que se estende por grande parte do horizonte... E' terra, terra nova! Perante a encorajadora visão os homens esquecem as fadigas, simultaneamente reconfortados pelo doce calor do sol, que subindo no céu pouco e pouco lhes vai penetrando nos corpos ainda enregelados. São cortesia de boas-vindas os gritos que as aves marinhas soltam ao revoltear sobre o barco, em bandos cada vez mais numerosos... A terra, agora, já não se encontra envolta em bruma azul: são maravilhosamente verdes os tons que ela apresenta e a que o sol empresta uma luminosidade vivificante...

...O sol... E' curioso como me sinto frio, a despeito do calor que essa esfera brilhante espalha sobre a terra. Esfrego uma na outra as mãos geladas e, lentamente, rodo o corpo para o outro lado...

E' então que, num trambolhão súbito e doloroso, todo o peso da realidade se abate sobre mim: à minha frente, através dos vidros embaciados da janela, a noite continua negra, húmida, fria... A chuva continua a cair, talvez agora com mais intensidade... O vento também cresce, fazendo tremer na rua as luzes amarelas dos candeeiros...

Olho para o quadro da caravela, para aquelas ondas agora tão imóveis, tão desprovidas de vida, e, ouvindo lá fora o sibilar do vento e o bater da chuva nas vidraças penso:

— Eu sabia! Eu sabia que são estas as noites em que *ela* gosta de vir... Como sempre não dei pela sua chegada... Como sempre abandonou-me bruscamente, de repelão!...

O vento, agora mais forte, já apagou os candeeiros...

Lá fora a noite é ainda mais negra e triste...

C.

No limiar de um novo ano

Este número do «Arauto» assinala a entrada do nosso jornal no 9.º ano de publicação. É com prazer que registamos o facto. Não que o jornal em si, e disso temos consciência, constitua um órgão valioso da imprensa académica. Mas representa boa vontade, esforço e persistência, — não podemos deixar de o dizer. E, representando isso, já tem o significado digno de nota. Por isso afirmamos o nosso prazer em continuar o trabalho dos que nos precederam, e fazêmo-lo dentro das nossas limitadas possibilidades.

Como em alguns dos anos anteriores, serão admitidos à colaboração do «Arauto» alunos de todos os ciclos, sendo naturalmente de esperar benevolência no espírito dos leitores perante os modestos artigos dos anos mais atrasados; aliás não alimentamos pretensões a nível que rara e dificilmente se pode atingir em jornal de estudantes, nos pequenos meios de situação periférica relativamente aos grandes centros culturais do país.

Enfim, o «Arauto» continua em frente.

Comemoração Desportiva do Primeiro de Dezembro

Às 14 horas, no Estádio da Alagoa:

Futebol

F. S. C., 2 — LICEU, 2 (3-2)

F. S. C. — Durval; Mário Pinto, J. Ribeiro, Cristo e Rodrigo Pinto; J. Luis e Alfredo; Armando, Quaresma, Macedo e Madruga.

Suplentes — Gui Baptista e Capela.

LICEU — Costa Pereira; Eduardo, J. António, J. Dart e Pedro; C. Ramos e C. Antero; Luis Pereira, H. Castro, V. Capaz e J. Castro.

Suplentes — J. Machado Carlos Terra, Furtado e M. da Rosa.

Os golos do Liceu foram marcados por João Castro e os do F. S. C. por Gui Baptista e Armando.

Gincanas

A seguir publicamos o regulamento usado nas gincanas de motas e automóveis e as respectivas classificações:

Regulamento de Gincana

1.º — As equipas serão sorteadas, sendo a prova realizada pela ordem do sorteio.

2.º — PARTIDA — Anunciada a sua partida por meio de uma bandeirola, o tempo apenas começará a contar desde que a senhora toque na sineta existente junto da partida. Não tocando perde 10 pontos.

3.º — CANCELA — Após a paragem do carro a senhora deve apear-se e abrir passagem, voltando ao carro, sentando-se e fechando a porta. Depois de o veículo transpor o obstáculo deve apear-se de novo e vedar a passagem.

4.º — BASQUETEBOL — O cavalheiro tomará a bola, que procurará encestar,

respeitando a distância assinalada no chão. Não encestando 10 pontos.

5.º — BOMBOM — Enquanto o cavalheiro executa o número anterior, a senhora dirigir-se-á a uma mesa que se encontra próxima, e procurará, servindo-se apenas da boca, apanhar um bombom que está colocado num prato. Não apanhando 10 pontos.

6.º — ESCADA E AGULHA — Enquanto o cavalheiro tenta enfiar uma linha numa agulha, a senhora tomará um ovo que colocará numa colher, metendo esta, pelo cabo, na boca, e, sem ajuda das mãos, deverá transpor uma escada.

Não enfiando a linha — 10 pontos.

Não transpondo a escada — 10 pontos.

Deixando cair o ovo ou partindo-o — 10 pontos.

7.º — FUTEBOL — O cavalheiro, colocando a bola à distância indicada no local, tentará fazer golo. Não fazendo — 10 pontos.

8.º — HOQUEI — Enquanto o cavalheiro executa o número anterior, a senhora, munida dum stick, tentará enfiar a bola de hóquei na baliza, colocando a bola à distância indicada no local. Não fazendo golo — 10 pontos.

9.º — QUADRO PRETO — A senhora tomará um dos envelopes colocados em cima da mesa, e, no quadro preto, realizará a operação ali indicada. Não operando certo — 10 pontos.

10.º — O concorrente terá de contornar os marcos que se encontram na pista perdendo 10 pontos por cada marco derrubado.

11.º — BALÃO — Cavalheiro e senhora deverão tomar cada um um balão e procurar enchê-lo, com a boca, até rebentar. Não rebentando — 10 pontos por cada que não rebente.

12.º — CONCLUSÃO — A prova dar-se-á por concluída depois de transposta a meta e parado o motor.

13.º — TEMPO DO PERCURSO — Será contado logo que a senhora toque a sineta anunciando o final. Não tocando — 10 pontos.

14.º — CLASSIFICAÇÃO FINAL — A esta prova serão atribuídos 10 000 pontos, equivalentes a um tempo de cinco minutos. Por cada segundo a mais o concorrente será penalizado em 10 pontos. Por cada segundo a menos, a pontuação será valorizada em 10 pontos. A soma dos pontos ganhos, deduzidos dos perdidos, indicará a posição de cada concorrente.

15.º — A não tentativa de execução de todas as provas implica a desclassificação dos candidatos.

Classificação da gincana de motas:

1.º — Henrique Manuel M. Silva e Libia Maria M. Silva — 8.710.

2.º — Olavo Silva C. Leite e Manuela Sá Linhares — 8.900.

3.º — Adolfo Pinheiro Fraga e Maria de Fátima Capaz — 9.040.

4.º — Hélio S. Bettencourt e M. Helena S. Bettencourt — 9.160.

5.º — Carlos Capela e Adélia Capela — 9.200.

6.º — Manuel da Rosa e Manuela Pinto — 9.390.

7.º — José Anselmo Guedes e Conceição Neto — 9.850.

Classificação da gincana de automóveis:

1.º — Guilherme Pinto e Manuela Sá Linhares — 8.760.

2.º — Herberto P. Faria e Fernanda Castro — 8.920.

3.º — Dr. Pinheiro dos Santos e Libia Maria M. Silva — 8.950.

4.º — Rui Vieira e Manuela Saldanha — 8.990.

5.º — Carlos Teixeira e Lúcia Amaral — 9.010 e Hélio S. Bettencourt e Beatriz Mendonça — 9.010.

6.º — Clotilde Freitas e Cecília Terra — 9.030.

7.º — Leonildo Rosa e Eduardina Rocha. — 9.110.

Às 20 horas, no campo de Jogos do F. S. C.

Basquetebol

MISTO, 37 — LICEU, 23

MISTO — Renato (6), Carlos Machado (7), Victor Simas (14), Mário Macedo (4) e Victor Menezes (6).

LICEU — Eduardo, J. Machado (6), Carlos Ramos (8), Vasco Capaz (3), Sérgio (2) e Olavo (4).

Hóquei

MISTO, 2 — LICEU, 7

MISTO — Alberto, Machado e Garcia (1); Rui Vieira (1) e Gui Baptista.

LICEU — Costa Pereira; Carlos Antero (2) e João Castro (1); Taborda (2), Labescat (Helder Castro) (2).

Milha Pedestre

Às 20 horas, com saída da Praça da República, realizou-se uma milha pedestre, na qual tomaram parte 14 corredores, e que teve o seu «terminus» no campo de Jogos do F. S. C. Abaixo inserimos os nomes dos 2 primeiros classificados, uma vez que, por dificuldades de cronometragem, não se pôde registar toda a classificação:

1.º — Rui Pimentel — 3m 15s 9/10.

2.º — José C. Ponte — 3m 19s.

O Temporal

Enfim! Chegou o domingo bastante ansiado por mim. Mas... não foi um dia radioso de Sol tal como eu esperava.

Amanheceu chovendo e o céu completamente nublado.

Apesar disso e como sempre eu fui à missa.

Continuava chovendo quando voltei para casa.

Senti uma enorme sensação de conforto ao encontrar-me de novo em casa.

Gosto, de quando chove, eu estar em casa, sentada, e lendo qualquer coisa ou ainda vendo por detrás das vidraças as pessoas passando apressadas.

Chovia torrencialmente e o frio era intenso e agreste.

De vez em quando levantava-me e ia à janela para melhor avaliar a intensidade da chuva e ver as pessoas que nessas alturas passavam na rua.

É engraçado vê-las correndo, para se abrigarem a suas casas. Depois do jantar meu pai propôs-me um passeio de carro.

Não era bem passeio, era para irmos ver como se encontram as ruas e algumas casas perto da ribeira da Conceição. As ruas esta-

vam bastante enlameadas devido à acumulação de areia e terra e mais detritos das valetas.

A ribeira cheinha corria com uma velocidade espantosa indo manchar o azul do mar com o castanho barracento da sua água.

Nas casas, nalgumas delas, nas baixas e pobres, notava-se um certo ar de tristeza.

Pobres casas e... pobre gente!

Voltamos para casa e eu sentia-me um pouco triste.

É que apesar de eu gostar de um dia de chuva, este domingo decepcionou-me, porque eu o desejava alegre, inundado de sol e ele deparou-se-me triste e imensamente chuvoso.

Deve ser o pronúncio do Inverno que se aproxima.

Maria José C. da Rosa
2.ª - A

Vámita!

Estou só. Mais só do que nunca. Como seria bom neste momento uma palavra amiga de consolação, um trocar de olhos solidários ou a presença sedativa dum ente querido, que sem nada dizer me ajudaria a suportar com amor os desamores da vida...

Mas amor? E vem a náusea, o nojo, o desespero, cansaço. Estou farto, farto do sorriso hipócrita dos que me animam, farto de ouvir apregoar amor a quem o não sentiu, farto dos ideais inexistentes, farto das fisionomias cinicas que me rodeiam, farto das «sedosas intenções», farto de tudo, de todos... farto de mim. Tenho desejo fremente de num vômito monstruoso libertar-me de tudo o que acumulei em 20 anos de vida e começar de novo, ser outro, ou não ser ninguém.

Agora nada sinto, desabafei, posso repousar, talvez horas, até dormir... não sei?

Nota sobre o amor nas cantigas trovadorescas

Desde tempos remotos existiu a poesia popular aliada à música.

Nos séculos XII e XIII houve uma grande predileção pelo cântico, pela música e pela dança, o que se pode verificar com a existência de algumas esculturas de templos românticos.

Em Portugal e na Península havia cantigas para serem cantadas e dançadas ao som das flautas durante os bailes e banquetes; podem salientar-se certos cânticos em que as raparigas manifestavam as saudades do noivo ausente, ou davam expressão a alegrias e queixumes de amor.

Esta espécie de poesia foi aperfeiçoada pelos jograis, com a influência do povo de Provença, que criou a primeira literatura moderna escrita e o gosto pelas canções amorosas alastrou entre nós.

Assim nasceram as cantigas de amigo especialmente designadas por paralelística, que eram de origem peninsular e exprimem a saudade e o amor da mulher.

Vagas alusões ao mar, à manhã, a danças regionais, à vida do campo e às romarias fez com que se distinguem nas canções de amigo, respectivamente as seguintes variedades: barcaíolas, albas, bailados, pastorelas e cantigas de romaria.

As cantigas de amor eram de origem provençal e exprimem o amor do homem à mulher.

O trovador provençal can-

Curso Especial de Ginástica

Entre as diversas iniciativas desportivas do nosso Centro, merece referência e louvor especiais a realização dum Curso Especial de Ginástica, frequentado por cerca de filiados e dirigido pelo professor da Educação Física sr. Gaspar Adelino Torres C. Neves.

O referido curso será iniciado no próximo mês de Janeiro.

tava a sua paixão por uma senhora castelã, e rendia-lhe uma espécie de vassalagem amorosa, porque era da praxe a dama nunca corresponder ao amor e daí derivam as variedades de cantiga de amor, cantiga de mestria, que insistia na beleza da dama, e a Elegia amorosa que insistia sobretudo no sofrimento amoroso. Este amor chamava-se «cortês» e era convencional, isto é, muitas vezes não era sentido e abrangia as seguintes características: Mensura, que consistia na expressão de vassalagem à dama e a «coita» que era sobretudo o sofrimento amoroso.

O amor, na poesia trovadoresca, como vemos, apresenta dois aspectos diferentes: convencionalismo no amor cortês e sinceridade no sentido expresso nas cantigas de amigo.

Maria Esmeralda Ávila

São assim os Estudantes...

«Platonismo»

duvidoso

A G., como tantas outras pequenas, é uma romântica sonhadora, que tem em vista apenas aqueles ideais elevados, puros, superiores...

Talvez por isso ela veja em tudo, até mesmo nas coisas mais vulgares, uma faceta espiritual, superior, que nós nunca conseguimos descobrir.

Foi assim que ela, um dia destes, ao ver passar um carro de linhas aerodinâmicas, teve a seguinte expressão:

«—Eh pá! Que carro platónico!»

É caso para perguntar:

—O «platonismo» do carro não seria, por acaso, derivado daquele ruído «ti-tá... ti-tá...» que o motor produzia?

QUEM É?...

...a loira (não explosiva) peneirenta do 4.º ano?

Almas Cativas

A impressão desta obra de Roberto de Mesquita, em 2.ª edição, promovida pelo Núcleo Cultural da Horta e pelo «Arauto», encontra-se quase pronta.

No próximo número se publicará a habitual folha apenas ao nosso jornal. Conterá parte do prefácio, da autoria do notável crítico e poeta micalense Eduino de Jesus, a que esta 2.ª edição das «...Almas Cativas» ficará devendo a valorização que lhe adveio desse apreciável estudo crítico sobre o poeta florentino.

São assim os Estudantes...

Problema dum pianista?

Pedimos a todos os Amigos e Benteitores do C. do 6.º ano que não divulguem entre o sexo feminino as suas qualidades musicais até ao casamento do mesmo.

O infeliz pianista queixa-se de que elas se enamoram dele única e exclusivamente pelos seus dotes artísticos e não pela sua pessoa.

Lamentamos... e muito sinceramente desejamos que o infeliz venha a encontrar o «farol» que com a sua luz forte e deslumbrante o guiará pela vida fora (?).

Correspondência secreta

Causou-nos profundo espanto a notícia de que o F. está em intensos preparativos para uma arriscada viagem à vela até à ilha de S. Miguel.

Mas muito mais espanto nos causou o sabermos o perigoso fim da dita viagem (ao que parece, intenções matrimoniais)...

Não queremos interferir na sua vida particular, mas sempre formulamos a pergunta:

—Não basta já a activa e secreta correspondência que ele recebe daquela ilha?...

Aviso de emergência

A todos os alunos deste Liceu, especialmente aos do 7.º ano, se avisa que hoje se deve verificar um tufão de excepcional violência, denominado «Corta Vento».

O referido fenómeno atmosférico vem fazendo sentir os seus efeitos deste Outubro p. p. mas os nossos serviços de previsão esperam para hoje, 16 de Dezembro de 1965, um invulgar e intensissimo redobramento de actividade, que poderá causar avultados estragos, sobretudo na zona do 7.º ano.

Mais se avisa que é inútil demonstrar indiferença pela passagem da «Corta-Vento»; a única medida eficaz, pelo menos durante o dia de hoje, é enfrentá-la corajosamente de golas levantadas.

Todos os possíveis sinistrados serão indemnizados pela nossa Comissão de Assistência, e para isso se devem dirigir à sua nova sede, instalada num imóvel recentemente adquirido, e cujo actual orçamento se aproxima dos 500 contos.

Quem é...

...o menino que se penteia todos os dias antes de subir a escada e entrar em casa?

Ultimo grito da moda

SOBRETUDOS!

de excelente qualidade, e óptima apresentação

À venda na «grande» Casa «Armazéns da Fronteira»

Recomenda-se duma maneira especial a cor «amarelo-mosquito» e ainda um tipo próprio para longo uso, com qualquer tempo, quer faça sol de rachar quer chova a cântaros.

Como característica essencial, acrescente-se que estes sobretudos são especialmente adequados para salientar os físicos mais desenvolvidos.

Carta aberta

Caro amigo U.

Desculpa esta liberdade, mas prometemos ser breves.

As mulheres são umas ingratas que não sabem compreender a nobreza de sentimentos dum homem. Já deves ter reparado nisso. Nós já reparámos.

De qualquer maneira, se já reparaste, não te afflijas...

A música, em muitos casos, é um calmante para essas dores. E, a propósito de música, um conselho: aprende a tocar guitarra eléctrica que é um instrumento moderno e excelente para te entreteres em casa.

Aceita o conselho, que é de amigo, e desculpa a impertinência.

Um grupo de observadores

A culpa é dos óculos...

Não haja dúvida! Os óculos são bonitos e ficam-lhe muito bem (não é favor)... Mas ela, como é teimosa, refilona e embirrenta, não concorda conosco e diz que os óculos a fazem ainda mais gorda.

Ao que consta, e talvez seja por causa dos óculos, ela está a submeter-se a uma rigorosa dieta terapêuticamente dirigida.

A iniciativa é de louvar. Mas cuidado; nada de excessos ou um dia destes só se conseguem ver os óculos e as botas.

Perigo na estrada

Depois dum longo mês de inquietação e nervoso constante, avisam-se todos os traseuntes de que já podem circular mais à vontade pelas ruas, pois o grande perigo já passou.

A l. do 7.º ano encontra-se num periodo de descanso aguardando ansiosamente a chegada dum novo modelo de «Opel Kapitán» (em 2.ª mão).

Fazemos votos para que nenhuma firma estrangeira venha interferir no negócio da compra e que o referido veículo se encontre em bom estado de conservação...

Namoro à americana

Bruscamente, no verão passado, o coração do F. C. do 7.º ano despertou, após longos anos de hibernação, para um novo amor, cuja inspiradora veio duma terra longinqua.

E, como mais vale tarde do que nunca, o infeliz rapaz enamorou-se. Mas dias piores viriam. Ela parte; e ele fica (em S. Miguel porque as passagens de avião são muito caras) chorando para sempre um amor veloz mas sincero.

Entretanto, algures, um coração que pequenino e frágil batia desordenadamente por ele, com medo de o perder para sempre...

Coitado! E tem um aspecto tão triste e abatido com aquelas longas e ceradas barbas!...

Cine «Beira-Mar»

A empresa «Cine Beira-Mar» tem a honra de apresentar em repetição (forçada mas atendida) o grandioso filme tipo farsa-drama

«NUNCA DIGAS ADEUS»

Mais um magnífico desempenho dos já célebres actores

Ruy Ypsilon e Manu Sald'

Ele: ...mas... Ela:

Um doente cardíaco tão forte no amor quão débil na saúde...

Uma rapariga sonhadora que muitas vezes põe em perigo a vida do homem que ama.

Amor, Ciúme, Violência, Desespero... e Perdão!